

RUBEM
BRAGA

1956

VIVER OUTRA VIDA

Passo essas noites de chuva lendo romances norte-americanos de vários gêneros: a Editora do Autor está planejando publicar traduções de romancistas novos e devo escolher o segundo livro a ser lançado. O primeiro será *The Catcher in the Rye*, de J. D. Salinger, história de um rapaz de dezessete anos contada na primeira pessoa. O livro foi traduzido por uma equipe de três jovens secretários do Itamarati por amor à arte — e também, o que é curioso, por um professor do interior de São Paulo. Já está traduzido em muitas línguas, inclusive em português de Portugal; mas a tradução lusitana de um livro assim, escrito em linguagem coloquial, e ainda por cima cheia de gíria, é insuportável no Brasil. Será curioso, aliás, quando aparecer a tradução brasileira, fazer o cotejo entre as duas.

Um romance de tipo completamente diferente, que estou inclinado a escolher é *Seconds*, de David Ely. Aqui saímos do terreno do realismo cotidiano para a ficção solta. Uma organização fantástica abre a possibilidade a qualquer burguês norte-americano de trocar de vida. A morte do cidadão é "fabricada" com todos os detalhes — crise cardíaca, aci-

dente, suicídio ou simples desaparecimento, enquanto, através de operações plásticas e psicológicas ele recebe uma nova cara e uma nova profissão. Volta a circular com outro nome, outros documentos, outro ofício, em outra cidade, tanto quanto possível levando o tipo de vida que se julga mais adequado a ele. Enfim, o homem sai para outra. O livro é uma obra-prima de *suspense* mas o próprio autor não sabe se sua mensagem é de esperança ou de desespero. O autor tem 38 anos.

Conheço mais de um caso, no Brasil, de sujeitos que foram à esquina comprar cigarro e sumiram para sempre da família e dos amigos — sujeitos que *encheram* definitivamente de sua vida e resolveram apagar tudo e começar outra vez. Embaralhar tudo e dar cartas novamente. Na novela americana isso não é uma aventura pessoal — é uma decisão pessoal cumprida por uma fabulosa organização que dispõe de recursos técnicos imensos para organizar tanto a morte quanto a vida do homem, inclusive um estoque de cadáveres não sob medida, mas adaptáveis por uma espécie de meia confecção. É fácil imaginar o que pode acontecer se o falso defunto, perfeitamente irreconhecível, voltar, por exemplo, à sua casa antiga, sob um pretexto qualquer, para ver como está vivendo sua *viúva*. O autor explora com sábia sobriedade todas as pungentes ou cômicas situações que podem surgir desse entrecho. Disso resulta que o livro é às vezes, engraçado — mas, no fundo, horrivelmente triste...